

O português kimbundizado: uma análise de alguns dos enunciados da obra *os conto de ukamba kimba*

Ivonete da Silva Santos*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-2623-6479>

Maria Helena de Paula**

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-7422-327X>

Resumo: O artigo visa descrever algumas das marcas linguísticas do *Kimbundu* no léxico do português falado em Angola, presentes na obra *Os contos de Ukamba kimba* (2013). Trata-se de evidenciar as principais características e especificidades da língua materna em contraponto com o português, de modo a justificar a ocorrência de palavras do léxico *Kimbundu*, regras morfológicas e sintáticas que especificam o uso da língua não materna por falantes angolanos. Para tal, discute-se as consequências provocadas pelo contato entre línguas, bem como as estratégias linguísticas adotadas pelos falantes como tentativas de eximir o conflito linguístico inevitável ao contato linguístico. Discorre-se, também, sobre alguns dos fatores que influenciam a transferência, a influência, a assimilação e interferência linguística de uma língua sobre a outra, por exemplo: fatores como a falta de domínio da língua portuguesa, a imposição legalmente instituída dessa língua que para a maioria dos falantes angolanos não é a língua materna, bem como a necessidade de ascensão social. Defende-se, por fim, que as ocorrências das marcas do *Kimbundu* no português não se configuram como “erros” ou “desvios” em relação à gramática do português, mas como fatos da língua.

Palavras-Chave: Contato entre línguas; Interferências; Variedade angolana do português

Phutu ni Kimbundu: Kuzambula kwa mikanda imoxi ya kibandu kyalungu ni misoso ya Ukamba Kimba

Kitetu: Kamukanda kaka kalombolwela kidimbu kya uzwelelu wa dizwi dya kimbundu mu maba phutu yazwela mu Ngola, kala mukibandu kya misoso ya Ukamba Kimba (2013). Kizwela kukolesa ijembwete yatundu ni kidifanganu kitongolwela kuzwela kwa dizwi dya uvalukilu mukudilunga ni phutu mukutongolwela kukala kwa maba a dizwi dya kimbundu, ijila ya morfologia ni ya sintaxe itongolwela kuzwela kwa mazwi yo engi kwa azwedi akwa Ngola. Mukiki, abwata maka abekela kudilunga kwa mazwi, masunga a kwijiya kwa mazwi asolo kwa kifuxikya kulala kwa maka a mazwi adisweka mukudilunga ni kwijiya kwa mazwi kwakala na ni ukexilu umoxi wosambukisa, kitumikisa, kusambuka, kutetuluna ni kuvunza kwa mazwi kwalungu ni dizwi dyengi, kala kifika: ubangelu kala kukamba kwijiya dizwi dya phutu, kufumbidika kwalungu ni kwabange ni dizwi dya uvalukilu, kala na we kwandala kwidikisa kwa kifuxi. Abange kwila, mukusukaku, ukexilu wa idimbu ya kimbundu mu phutu kyakimono kala "kuzwela" mba "kuhambuka" kwalungu ni ijila ya kuzwela kibandu kya phutu, akitalesa kala ukexilu wa dizwi.

Maba – angunji: Kitakanesu kya mazwi. Kudibunda. Ukexilu wa akwa Ngola wa Phutu.

* Doutoranda em Estudos da Linguagem (UFCAT), professora da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

** Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (FCL), professora e pesquisadora (ILELI) UFCAT.

The kimbundu-portuguese: an analysis of some of the statements of the literary work: the tales of ukamba kimba¹

Abstract: This article aims to describe some of the linguistic marks of *Kimbundu* in the lexicon of Portuguese spoken in Angola, present in the work *The Tales of Ukamba kimba* (2013). It highlights the main characteristics and specificities of the mother tongue as opposed to Portuguese, justifying the occurrence of words from the *Kimbundu* lexicon, morphological and syntactic rules that specify the use of the non-mother tongue by Angolan speakers. To this end, the consequences caused by the contact between languages is discussed, as well as the linguistic strategies adopted by speakers as attempts to eliminate the inevitable linguistic conflict. It also discusses some of the factors that affect the transfer, the influence, the assimilation and linguistic interference of one language over the other, for example: factors such as the lack of mastery of the Portuguese language, the legally instituted imposition of that language, that for most Angolan speakers it is not their mother tongue, and the need for social ascension. Finally, it is argued that the occurrences of *Kimbundu* marks in Portuguese are not to be considered as "errors" or "deviations" in relation to the Portuguese grammar, but as language facts.

Keywords: Contact between languages; Interferences; Angolan variety of Portuguese

1 Introdução

Por ser a língua “um elemento de identidade e de ligação cultural” (ANÇA, 2012, p. 24), capaz de unificar diferentes povos em um conjunto de comunidades que partilham um mesmo sistema oficial comum, é o português uma das línguas que tem maior alcance de falantes no mundo. Diante desse cenário, é inevitável não perceber que a Língua Portuguesa (LP) conheceu diferentes dinâmicas e abordagens, devido ao contexto geográfico, sociocultural e até mesmo as políticas linguísticas dos diferentes países em que se faz presente. Desta forma, o estatuto de língua oficial (LO) conferido ao português nas comunidades luso-africanas nem sempre é sinônimo de língua primeira, principalmente, quando se trata do perfil linguístico peculiar dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

Na realidade, a presença da LP em países africanos revela a complexidade linguística proveniente da existência de diferentes línguas em um mesmo espaço, isto é, a

¹ The Tales of Ukamba Kimba is a literary work which shows how Portuguese is used in the Angolan everyday and, especially, brings *Kimbundu's* marks in the lexicon of the Angolan variety. This work by the Angolan writer João-Maria Vilanova was published in 2013 and released in Coimbra, Portugal. Vilanova's speech is a representation of the Angolan daily orality from a poorly literate layer and for whom the mother tongue is not Portuguese. The tales result from the interference of *Kimbundu* in Portuguese, this relationship gives these narratives a very peculiar tone that marks the variety of Portuguese in Angola. For this reason, this work will be the object of analysis in this research.

LP ao coabitar geograficamente com diferentes línguas que para a maioria dos falantes é a língua materna (LM), assume um papel muito particular ao ser usada pelos sujeitos pertencentes a esse espaço multicultural e plurilíngue que pode ser entendidos como a coexistência de línguas e culturas diversas numa mesma comunidade, servindo-a de acordo com as necessidades emergentes nas situações de interação social.

Daí a importância de estudos sobre as variedades da LP, uma vez que cada comunidade luso-africana nos revela um modo muito particularizado de uso desse idioma, conciliando-o à realidade sociocultural do espaço geograficamente marcado. É por isso que a língua como sistema de signos que está à disposição dos seus usuários (SAUSSURE, 2012), não se priva de (re) criar-se junto a outras, as ditas nacionais. Para este artigo, daremos atenção a situação do português falado em Angola, tem em atenção a influência do *Kimbundu* (LK) sobre aquela.

No caso de Angola, a manifestação que a LP assume é resultado da coexistência desta com as línguas nacionais de família *Bantu*, pois a diversidade linguística e cultural influencia, fortemente, a (re) criação do idioma não materno, o português. Embora, cada língua possua uma estrutura gramatical própria não está isenta de sofrer e fazer sofrer o processo da interpenetração², interferência ou influência. Esse fato revela a complexidade do português oralizado do cotidiano angolano, uma vez que o falante de LM ao fazer uso da LO não consegue eliminar os traços linguísticos mais marcantes correspondentes a LM. Essas marcas linguísticas funcionam como elementos cruciais e reveladores de uma identidade linguística e cultural respectiva aos usuários para os quais a língua funciona como materna, isso porque aquela se realiza dentro de uma sociedade como forma de comportamento social (LABOV, 2008).

O português falado em Angola apresenta um conjunto de influências do LK que afetou a sua estrutura, seja ao nível fonético, morfológico, sintático ou lexical, pois este fato evidencia que esse fenômeno foge a norma do português (BERNARDO, 2017). Tal afirmação se justifica no fato de que

o uso de uma determinada variedade linguística marca a inclusão num dado grupo social e dá uma identidade a seus membros. Aprendemos a distinguir as diversas variedades e, quando alguém começa a falar, sabemos que certas expressões

² Nesse caso, o termo é entendido como um processo em que a LP e as línguas nacionais coexistem numa relação inevitável diariamente, como se uma invadissem o espaço da outra, ou seja, o fato de que em Angola a LP não ser a LM da maioria dos falantes acabou por sofrer influências significativas das línguas nacionais, em especial o *Kimbundu*, sendo que esta é uma das línguas *bantu* que tem maior representatividade linguística em Angola.

pertencem à fala dos mais jovens; outras indicam que o falante tem mais idade. As variantes linguísticas conferem uma identidade as pessoas, sejam elas pessoas do mundo real ou personagens, que são pessoas de ficção. (FIORIN, 2013, p. 27).

Esta visão diz respeito ao fato de que nenhuma língua se mantém intacta e livre de qualquer interferência do meio onde atua, isto é, no espaço angolano a LP encontrou respaldo necessário à sua adaptação, já que o fato de estar em um espaço multicultural e plurilíngue contribuiu para a formação de uma variedade que consegue dá conta da complexidade linguística que constitui a realidade angolana.

Ao considerar a língua como um fato social (LABOV, 2008) e percebê-la como um “retrato do mundo” (PERINI, 2004, p. 52), é preciso assumir que cada variedade linguística se constitui por um conjunto lexical que emerge como revelador da dinamicidade da LP. E, é por meio das bases sócio-cultural-linguística que o sujeito tem a possibilidade de se mostrar ao outro, entendendo também o outro.

De acordo com Bernardo (2017), a LK é uma das línguas mais faladas de Angola, apresentando um percentual de falantes de 7%. É uma língua de herança *bantu*, pois compõe o conjunto das diferentes línguas da família *Bantu* que coexistem em África. Esse fato justifica o fato de a LP não ser a LM materna para a maioria dos falantes angolanos. Isso porque sabemos que a LM é carregada de expressões cultural e identitária, justamente por ser a língua que veicula não só a formação do conhecimento de mundo do falante como, também, os valores socioculturais (SPINASSÉ, 2006). É através da LM que o sujeito interage com o mundo ao seu redor.

Em contraponto com a LM, a LO e a língua segunda (L2) recobre duas perspectivas cruciais: a psicolinguística e a sociolinguística. A primeira diz respeito a ordem pela qual é adquirida; a segunda tem a ver com as funções sociais tidas como oficiais, por ser uma língua internacional (ANÇÃ, 1999). Por isso, a inserção linguística do sujeito é desencadeada por um processo de conhecimento internalizado que conforme defende Chomsky (2006), é inato ao indivíduo o conhecimento de uma gramática internalizada, pela da qual é possível a formação de sentenças variadas, ou seja, ao usar a língua o falante, ainda que inconscientemente, obedece alguns parâmetros normativos já estabelecidos pela noção da gramática internalizada.

Diante do exposto, a situação de contato entre línguas acaba por provocar comportamento linguísticos necessários à própria sobrevivência do falante, seja

meramente com intuito de comunicar-se com o outro, para obter a ascensão social que almeja ou para obedecer a uma imposição legalmente instituída.

Por sua vez, o contato linguístico/cultural é responsável por deixar marcas morfológicas, sintáticas, fonéticas e semânticas no léxico do português falado em Angola (AGUALUSA, 2005; PETTER, 2008; NZAU, 2011; CHIVINGA, 2014; BENDER, 2004). Tais marcas são características próprias da LM que interferiram no uso da LP em Angola. Ao considerarmos o contato entre línguas, como justificativas para a ocorrência de interferências da LM sobre a LP, não podemos negar que o conflito linguístico, gerado devido a esse contato, figura como motivador das escolhas linguísticas dos falantes. Isso quer dizer que a adoção, criação ou transferência de marcas da gramática ou estrutura da LM para a língua não-materna são estratégias linguísticas dos falantes como recurso para eximir o conflito. Assim,

os fatores estruturais internos (quer dizer, da parte formal da língua), indicam os aspectos que contêm um nível de complexidade na aprendizagem devido aos vazios fonéticos, mudanças funcionais mórficas, densidade sintática e insuficiência lexical da língua de prestígio. Por outro lado, não se pode atribuir exclusivamente ao tratamento da interferência – dentro da assimilação da L2 quando se aprende – à questão estrutural. Também existem fatores sociolinguísticos que proporcionam a apreciação da interferência: atitudes da comunidade de fala, prestígio da língua veicular, diferenças culturais, características individuais (psicológicas e físicas) de cada estudante e o contexto de comunicação³. (BUIRAGO; RAMÍREZ; RÍOS, 2011, tradução própria, p.725-726).

O léxico é um dos níveis da língua que mais evidencia as interferências dos aspectos linguísticos de uma língua sobre a outra ou vice-versa (BIDERMAM, 2001; PAULA, 2007), visto que “o vocabulário exerce um papel crucial na veiculação do significado, que é, afinal de contas, o objeto da comunicação lingüística” (BIDERMAM, 1996, p. 27). E, por fim, é um dos fatores estruturais que apresenta uma certa complexidade na adoção ou assimilação da língua não-materna, isso porque nem sempre a outra língua possui correspondente comum em ambas as línguas. Geralmente, o falante optar por fazer uso de palavras do léxico já conhecido em situações em que o discurso

³ Original: los factores estructurales internos (es decir, de la parte formal de la lengua), indican los aspectos que contienen un nivel de complejidad en el aprendizaje debido a vacíos fonéticos, cambios en las funciones morfélicas, densidad sintáctica e insuficiencia léxica de la lengua objetivo. Por otro lado, no se puede relegar exclusivamente el tratamiento de la interferencia - dentro de la asimilación de L2 cuando se aprende - al préstamo estructural. También existen factores sociolingüísticos que propician la aparición de la interferencia: actitudes de la comunidad de habla, prestigio de la lengua vehicular, diferencias culturales, características individuales (psicológicas y físicas) de cada estudiante y el contexto de la comunicación.

predominante não é na LM, esse é o caso do falante do *Kimbundu* ao discursar em português.

Considerando as circunstâncias de uso do LK em contraponto com a LP, pelo fato de aquela ser uma das línguas que mais representa a cultura e o povo angolano, bem como a língua que mais exerceu influência sobre o léxico do português angolano. Este artigo visa descrever algumas das marcas linguísticas da LM no léxico do português falado em Angola, presentes na obra *Os contos de Ukamba kimba* (2013). Embora, o cenário sociolinguístico angolano não se resume em uma obra literária, esta será tomada como objeto de análise, justamente, por dá conta da intensidade do uso do português dentro do contexto multicultural e plurilíngue e, sobretudo, por mostrar aspectos importantes sobre as interferências da LK no léxico da variedade angolana.

Ukamba kimba é uma obra literária que mostra o modo como o português é usado no cotidiano angolano e, sobretudo, traz as marcas do *Kimbundu* na variedade angolana do português. Essa obra de escritor angolano, João-Maria Vilanova, foi publicada em 2013, com lançamento em Coimbra/Portugal. O discurso em Vilanova é uma representação do português oralizado no cotidiana angolana, sendo respectivo a uma camada pouco letrada e para quem a língua materna não é o português.

2 O *Kimbundu*: uma língua com especificidades próprias

O *Kimbundu* pertence às línguas da grupo *Bantu* e possui uma maior expressividade linguística em províncias de Angola⁴, cuja abrangência de falantes se concentra em Lwanda, Bengo, Malanje e Kwanza Norte (SILVA, 2015). Com isso, o *Kimbundu* é a segunda língua mais falada em Angola, contando com um percentual de (7,8%), conforme afirma, Ndombele e Timbane (2020) em consonância com o INE (2016) e Mingas (2000).

Segundo Héli Chatelain (1888) *apud* Serrote (2015), não é necessário a introdução do termo língua antes da palavra *Kimbundu*, porque nesta língua o prefixo – Ki – significa língua e, portanto, quando acrescido ao termo *mbundu* quer dizer língua. Ao longo deste trabalho optamos pela escolha justificada de Chatelain, que nos parece plausível. A palavra “*Bantu* significa pessoa e é o plural de *Muntu*. O povo *Bantu* faz referência aos indivíduos pertencentes a este grupo linguístico, mas não constitui um grupo isolado; é

⁴ Extensão territorial de 8° 11' latitude Sul e 13° 18' de longitude Leste (SILVA, p. 49, 2015).

Ivonete da Silva Santos, Maria Helena de Paula, O português kimbundizado: uma análise de alguns dos enunciados da obra *os conto de ukamba kimba...*

um grupo de vários, cujas línguas possuem semelhanças (cf. Chatelain, 1888, p. 89)” (SERROTE, p. 23, 2015). Para melhor exemplificar a abrangência do *Kimbundu* nas províncias de Angola, apresentamos o mapa a seguir.

Mapa 1- Províncias de Angola de expressão linguística *Kimbundu*.



Fonte: Silva (p. 49, 2015).

Etnicamente, o *Kimbundu* foi introduzido nessas províncias por meio do povo *Ambundu*⁵, que por “motivos de sobrevivência, abandonaram o campo” (SILVA, 2015, p.50), instalando-se na cidade. Como qualquer outra língua o *Kimbundu* também possui variantes linguísticas respectivas a cada província em que vigora.

Quadro 1- Variantes do *Kimbundu* nas províncias de Angola.

PROVÍNCIAS DE ANGOLA	VARIANTES
Lwanda	<i>Lwanda</i>
Bengo	<i>Ambundu, Ntemu e Kisama</i>
Kwanza Norte	<i>Hungu, Lwangu, Dembu e Ambundu</i>

⁵ Populares súbditos do antigo Reino Ndongo (cf. SILVA, 2015; MINGAS, 2000).

Ivonete da Silva Santos, Maria Helena de Paula, O português kimbundizado: uma análise de alguns dos enunciados da obra *os conto de ukamba kimba...*

Malanje	<i>Kuna, Ngola, Bando, Mbangala, Holo, Kari, Xinje, Minungu, Songo, Bambara e Sende</i>
---------	---

Fonte: Adaptado de Silva (2015, p. 50), (cf. KUKANDA, 2000).

No quadro acima, é perceptível que na província de Malanje há uma descrição significativa do número de variantes do *Kimbundu*. Isso se justifica pelo fato dessa província possuir uma extensão territorial maior em relação às demais e, conseqüentemente, por possuir uma quantidade significativa de falantes conservadores dessa língua, por exemplo. Desta forma, importa dizer que “a língua é uma instituição sociocultural, é um instrumento de afirmação da identidade nacional de uma Nação e o reflexo espiritual de uma cultura” (SERROTE, p. 17, 2015).

Por ser o *Kimbundu* uma das línguas mais falada em Angola, é notável que a supremacia legal da língua portuguesa (Língua Oficial desde 1975) não eximiu o seu uso, embora a geração angolana mais jovem não tenha interesse em sua manutenção (MINGAS, 2000), já que o português é teoricamente a língua da ascensão social, ficando a sua manutenção a cargo dos moradores das zonas rurais ou mais distantes da cidade. Mas,

ainda que muitos prefiram o uso da língua portuguesa em detrimento da língua *Kimbundu*, a língua estará sempre presente no seio da comunidade através das cerimônias tradicionais tais como casamentos, funerais, nos atos religiosos e nos festivais tradicionais tanto na zona urbana como na rural. (ANTÓNIO, p. 4, 2018).

O contato entre a LP e as línguas africanas perpassou gerações, tendo início no século XV⁶ (SERROTE, 2015; LOPES, 1989). Esse contato (MAKONI, 2018) frequente resultou no processo de influência de uma sobre a outra, fenômeno inevitável em situações de contato linguístico como esta de Angola. Falamos especialmente do uso e não especificamente da valoração legal que privilegia apenas o português como língua de unificação nacional. A questão do uso é importante para este artigo porque o resultado do processo de imposição de uma língua não materna em detrimento de outra nos revela fenômenos linguísticos que refletem a realidade dos falantes dessa COMUNIDADE (BAGNO; STUBBS; GAGNÉ, 2002).

⁶ Cf. Wheeler e Pélissier (2011).

Cada realidade linguística implica coordenadas específicas a serem adotadas pelos falantes da comunidade cujo intuito é sempre o de superar o conflito linguístico gerado pela situação de contato. Contudo, a adoção do léxico ou parte deste da língua imposta e introduzida na língua materna ou vice-versa é uma atitude real e funcional que o falante tem para eximir o conflito durante o contato.

Isso porque a tentativa de aprender a nova língua, muitas vezes, se torna frustrante e um tanto difícil para esses falantes, pois a sua LM em contraponto com a língua não-materna possui características e especificidades que a caracteriza como língua diferente, isto é, durante o contato linguístico se torna evidente a estrutura do funcionamento de cada uma das línguas, seja no nível morfológico, lexical, fonético e/ou sintático. Portanto, importa salientar que quando duas línguas de famílias diferentes (*Neolatina vs Bantu*) entram em contato as interferências são mais evidentes, uma vez que as suas estruturas gramatical e funcional são realidades diferentes.

Assim, a aprendizagem da LP para uma falante do *Kimbundu* é uma tarefa um tanto difícil, no primeiro momento, visto que esse falante domina, ainda que inconscientemente, a estrutura da LM que é bem diferente da nova língua, nesse caso o português. Então, por exemplo,

no *Kimbundu* os nomes comuns são caracterizados por prefixos que indicam o singular e o plural. Porém, uma das diferenças linguísticas que opõem o Português ao *Kimbundu* reside no modo como se processa a pluralização do nome. Na língua Portuguesa a flexão ocorre no final da palavra, como na maioria das línguas indo-europeias, mas em *Kimbundu* verifica-se no início. Se em Português ocorre o morfema -s como estrutura fundamental de pluralização do nome, em *Kimbundu* observa-se a ocorrência de diversos morfemas: *imbua/jimbua* (cães), *dibitu/mabitu* (portas), *tubia/matubia* (fogos), *ndandu/jindando* (famílias), *ngulu/jingulu* (porcos), *ngombe/jingombe* (bois), *mbolo/jimbolo* (pães), *mbonzo/jimbonzo* (batatas), *hombo/jihombo* (cabras), *kinama/inama* (pernas), *muxi/mixi* (árvores), *uta/mauta* (armas), *kaditadi/tuditadi* (pedrinhas). (SERROTE, p. 24, 2015, grifos do autor).

No caso dos prefixos, segundo este mesmo autor, as variantes singular/ plural implicam classes gramaticais diferentes no *Kimbundu*, isto é, existem dez prefixos e dez classes gramaticais. No quadro abaixo é possível verificar essa relação entre classes e prefixos, uma vez que há uma relação entre ambos.

Quadro 2 – Especificidades gramaticais da singularização e pluralização em *Kimbundu*.

CLASSES	PREFIXOS				PORTUGUÊS ⁷
	Singular		Plural		
I	MU-	<i>Muthu</i>	A-	<i>Athu</i>	Pessoa/pessoas
II	MU-	<i>Mutwe</i>	MI-	<i>Mitwe</i>	Cabeça/cabeças
III	KI-	<i>Kima</i>	I-	<i>Ima</i>	Coisa/coisas
IV	DI-	<i>Ditadi</i>	MA-	<i>Matadi</i>	Pedra/pedras
V	U-	<i>Wanda</i>	MAU-	<i>Maw⁸anda</i>	Rede/redes
VI	LU-	<i>Lumbu</i>	MALU-	<i>Malumbu</i>	Muro/muros
VII	TU-	<i>Tubya</i>	MATU-	<i>Matubya</i>	Fogo/fogos
VIII	KU-	<i>Kudya</i>	MAKU-	<i>Makudya</i>	Comida/comidas
IX	M-	<i>Mbudi</i>	JI-	<i>Jimbudi</i>	Ovelha/ovelhas
X	KA-	<i>Kafunga</i>	TU-	<i>Tufunga</i>	Pastor/pastores

Fonte: Adaptado de Serrote (2015).

No quadro 2, é possível verificar algumas das particularidades do *Kimbundu* no que tange ao processo de mudança de número (singular/plural). Em relação a mudança de gênero no *Kimbundu* se dá por meio da marcação de classes de nomes, que no total são dezoito (18)⁹, sendo quatorze (14) classes nominais, três (3) classes locativas e uma (1) classe verbal.

Outra particularidade da estrutura gramatical do *Kimbundu* é a marcação de gênero (masculino/feminino). Mingas (2000) afirma que não é uma necessidade desse sistema linguístico a distinção de gênero, pois este é expresso por meio de classes gramaticais nominais, isto é,

a formulação de gênero no *Kimbundu* contrasta com o português e coaduna-se com a formulação do grego e do latim que admitem os três gêneros: masculino, feminino e neutro, não obstante, a diferença conceitual que fundamenta a existência dos três gêneros em cada tradição linguística. (AUGUSTO, p. 165-166, 2016).

Vejamos alguns exemplos, (SILVA, 2015), sobre essa questão:

Dikamba (substantivo; marcador de gênero) = *Dikamba dyami weza* – o meu amigo/ a minha amiga veio.

Mukwetu (substantivo; marcador de gênero) = *Mukwetu wabongo mvula* – o outro/ a outra apanhou a chuva.

Nos exemplos acima, as palavras *dikamba* e *mukwetu* pertencem à classe nominal e funciona como marcador de gênero que, nesse caso, não necessariamente é o sexo (feminino ou masculino).

⁷ Em relação ao processo de mudança de número, não há adição de prefixo e, de modo geral, o plural é sempre marcado por [s] no final das palavras (cf. CASTILHO, 2010).

⁸ A semivogal [u] é representada por [w].

⁹ Cf. Peres (2006), Serrote (2015) e António (2018).

Sobre a classe gramatical verbal, importa dizer que esta se caracteriza pelo prefixo /**KU**/, cujo tempo verbal é o infinitivo, por exemplo: *kubela* (emagrecer), *kufwa* (morrer), *kunwa* (beber) etc. Mas, esse mesmo prefixo ao ser acrescentado a um nome poderá exercer a função de locativo (*kubela* – no alto), o que determinará o significado do seu uso é o contexto de uso¹⁰.

Como já sabemos, o léxico é o nível da língua que mais evidencia as interferências de uma língua sobre a outra, a quando de uma situação de contato linguístico, pois tanto o fonema quanto o sintagma são transmitidos pelo elemento lexical (MENEZES, 2010; ANTÓNIO, 2018). Desta feita, este tipo de interferência é, a grosso modo, a adoção por empréstimo de palavras de uma determinada língua para outra (SANTOS; TIMBANE, 2017; TIMBANE, 2012). Tal facto se justifica por uma série de fatores, por exemplo: a falta de domínio que o falante tem em relação a outra língua. A título de exemplo, citamos a palavra *kambuta* que é usada no português angolano para referenciar a palavra baixinho no português que se refere a pessoa de baixa estatura, ou mesmo a palavra *kamba* para se referir ao que no português chamamos de amigo. Esses exemplos nos revelam não só as dificuldades de uso de uma língua não materna, mas, também,

a interferência enquanto fenômeno linguístico resultante do contato direto entre línguas é uma consequência de diversos fatores externos a citar: políticos, económicos, sociais, culturais e psicológicos. Com repercussão de adaptação, integração e reestruturação linguística inevitáveis dentro de um contexto diacrónico e sincrónico da língua. (ALMEIDA, 2001, p. 24 *apud* ANTÓNIO, 2018, p. 17).

Para Spinassé (2006), a interferência é resultado de um processo de transferência, em que se transfere unidades linguística a outra língua. Isso porque é inevitável, no âmbito social, a flexibilidade da mudança linguística coordenada pela situação de contato entre línguas (SEVERO, 2013), dado que “a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social” (LABOV, 2008, p. 140).

Como se pode verificar, é inevitável que o contato linguístico entre línguas escape ao processo de interferência linguística, o que implica necessariamente ao “surgimento de novas unidades lexicais em cada um dos sistemas linguísticos” (SERROTE, 2015, p. 52).

¹⁰ Exemplos extraídos de (SILVA, 2015).

Este mesmo autor defende que os empréstimos, no âmbito lexical, do *Kimbundu* para o português são fenômenos chamados de kimbundismos.

Ressaltamos que a situação de contato é um processo de renovação e resignificação de unidades lexicais, afetando também outros níveis da língua. Daí a pertinência da ideia de que a situação sociocultural e linguística como fatores determinantes para a constituição identitária individual e coletiva (LABOV, 2008; SANTOS; TIMBANE, 2020).

Contudo, o contato linguístico impõe necessariamente uma situação de adaptação linguística, em que os falantes devem se adequar da melhor forma a esta situação para eximir o conflito linguístico que, ou pelo menos tentar eximi-lo, é inevitável nesses casos, seja rejeitando ou adotando integralmente ou parcialmente as particularidades da língua nova ou não materna (BUIRAGO; RAMÍREZ; RÍOS, 2011). Para melhor exemplificarmos as consequências da interferência do *Kimbundu* no português oralizado em Angola, a seção a seguir apresenta algumas das diferenças entre o português e o *Kimbundu*, bem como alguns exemplos dessa interferência.

3 A relação contrativa entre o português e o *Kimbundu* como resultado do contato linguístico

As características do *Kimbundu* elencadas na seção anterior são importantes porque a torna diferente, apresenta-a como língua única em relação as demais línguas do mundo, especialmente em relação ao português. Isso porque cada língua é um retrato da comunidade que a usa, funcionando também como reveladora do próprio falante (PERINI, 2004). Assim não poderia a língua portuguesa deixar de ser influenciada pela língua materna, o *Kimbundu*, uma vez que os falantes desta manifestam linguisticamente uma visão de mundo propiciada pela seu uso desde berço. Com isso, passando o português a fazer parte da comunidade angolana foi e é inevitável que não seja interferida pelas particularidades do *Kimbundu*, isso porque, como já dissemos, as interferências são resultados da situação de contato que se justificam por vários fatores sociais, econômicos, políticos e linguísticos.

O contato entre o *Kimbundu* e o português, desde o processo de imposição linguística da colonização, tem evidenciado conflitos linguísticos que, há muito, os falantes tem tentado resolver, seja pela adaptação, renovação ou resignificação, pois

se a língua está dentro de nós e se a língua é o ambiente social em que circulamos, não pode haver separação entre a linguagem e seu uso, entre quem fala e onde fala. No momento em que duas ou mais pessoas iniciam alguma troca verbal por meio da língua, todos os componentes individuais (psicológicos, cognitivos, biográficos etc.) e sociais (históricos, políticos, culturais, ecológicos, étnicos, religiosos etc.) são ativados para compor uma intrincada rede em que tais componentes se fundem e se confundem (BAGNO, 2014, p. 16).

As diferenças lexicais, sintáticas, fonéticas e morfológicas são relevantes ao estudo sobre contato entre línguas, visto que essas características nos ajudam a entender e explicar os processos de mudança linguística, bem como os resultados desse processo e impacto na vida dos falantes. No caso deste artigo, ressaltamos que as interferências são resultantes do contato pouco ou muito demorado, visto que uma vez em contato é inevitável a influência entre ambas as línguas nesta condição, mesmo que este contato se dê em mais ou menor grau. Nos exemplos a seguir, descrevemos algumas das interferências do *Kimbundu* sobre o português em Angola.

Quadro 3 – Influência na formação do plural em português em Angola.

REGRAS KIMBUNDU						REGRAS PORTUGUÊS		PORTUGUÊS
Prefixo singular	Class e	Palavras	Prefixo Plural	Class e	Palavra	Singular	Plural	
DI	5	<i>Dikala</i>	MA	6	<i>makalu</i>	carro	carros	scarro
N	9	<i>Nzo</i>	JI	10	<i>jinzu</i>	casa	casas	scasa
MU	1	<i>muthu</i>	A	2	<i>athu</i>	pessoa	peessoas	spessoa

Fonte: Adaptado de António (2018), Silva (2015).

Nesse caso, a interferência do *Kimbundu* no português falado em Angola, em relação a formação do plural, se dá mediante a mudança do posicionamento da letra (s) que em português é adicionada à palavra, de modo geral, na sua forma singular pelo processo de sufixação, enquanto no *Kimbundu* a pluralização de uma palavra é resultado do processo de prefixação. Por isso, os exemplos de interferência justificam o uso do(s) como prefixo para pluralizar as palavras exemplificadas no quadro 3.

Quadro 4 – Influência na mudança de gênero no português em Angola.

KIMBUNDU			PORTUGUÊS		
F/M	Frase	Trad. Português	F	M	Frase
<i>Mona</i>	<i>Mona diyala</i>	Filho de mulher.	filha	filho	O filho/ a filha
<i>Dikamba</i>	<i>Dikamba dyami weza</i>	Amigo(a) veio	amiga	amigo	A amiga/ o amigo veio.

Fonte: Adaptado de António (2018), Silva (2015).

Os exemplos do quadro 4 comprovam que cada uma das línguas possui especificidades próprias e que o contato entre ambas resulta na interferência de uma sobre a outra. Nesse sentido, evidenciamos que para a mudança de gênero no português, via de regra, é necessário o acréscimo de determinantes (artigos) antecedendo o substantivo, bem como a adição de uma das vogais temáticas (a/o) ao final da palavra. Já no *Kimbundu* essa diferenciação não é necessária e tão pouco importante, pois é feita apenas o acréscimo de classes de palavras como prefixos. Nos exemplos, as palavras *monal dikamba* se referem tanto ao masculino quanto ao feminino.

Quadro 5 - Influência na formação do léxico em português em Angola.

KIMBUNDISMO	PORTUGUÊS
batukar	batucar
sabola	cebola
lumingo	domingo
xicola	escola
ngalafu	garfo
nzàlà	sabão

Fonte: Adaptado de Silva (2015)

Em relação ao léxico, é notável que existem uma serie de fenômeno linguísticos que influenciam o resultado do contato entre línguas. Um desses fenômeno é a ausência de sons ou letras no alfabeto *Kimbundu*, mas existente em português. Isso reclama um processo de adaptação linguística que consiste na tentativa de resolver o conflito linguístico, isto é, “a criatividade lexical pode ocorrer da matriz interna, mas também da matriz externa. Isso significa que podemos ter formações lexicais baseadas nas regras da própria língua, mas também se pode ter construções emprestadas de outras línguas” (SANTOS, 2018, p. 66).

No caso dos exemplos do quadro 5, as regras que dão base a formação lexical é a da LM (*Kimbundu*), que em contraponto com as regras gramaticais do português soam como incorreções. Esta não constitui uma defesa nossa, pois defendemos a valoração de todas as línguas em suas variedades e variantes. Assim,

recordamos que a língua é uma entidade dinâmica. Da mesma forma que se constata evoluções no contexto de uma realidade cultural, no caso, heterogénea, incorporando a modernidade e novas formas de representação linguística dessa mesma realidade, de igual modo se deve reconhecer a contribuição dada pelos vários grupos de falantes da língua Portuguesa para a construção de formas distintas de a representar. Essa dinâmica é gerada pela própria sociedade, pelas relações entre as pessoas, pela necessidade de estabelecer um patamar de compreensão em que todos se insiram. (SILVA, 2015, p. 25).

Diante do que foi exposto até esta seção, passamos a análise dos enunciados e palavras selecionadas da obra *Os Contos de Ukamba Kimba* (2013). Esta análise tornará ainda mais evidente as interferências do *Kimbundu* sobre o português oralizado em Angola.

4 O português kimbundizado?

Esta seção tem como foco a constatação das consequências provocadas pelo contato entre o português e o *Kimbundu*. Como já ressaltamos anteriormente, é inegável a interferência da LM no português falado em Angola. Isso nos mostra a intensidade desse contato linguístico, bem como as reações dos falantes para resolver o conflito linguístico, uma vez que o comportamento linguístico é sempre uma resposta deles as situações que vivenciam.

Desta feita, os dados analisados e dispostos nesta seção, foram extraídos da obra *Os contos de Ukamba Kimba* e são resultados representativos de parte dos dados que dispõe a obra, uma vez que esta se constitui de 23 contos em português, mas um português que representa uma variedade linguística cujas características solidificam as consequências do contato entre a LP e o *Kimbundu* em Angola. A seguir, dispomos dessa análise, bem como da discussão dos resultados que ela nos proporcionou.

Quadro 6 – Palavras resultantes do processo de assimilação ou adoção do português

KIMBUNDU	PORTUGUÊS ANGOLA	PORTUGUÊS
<i>Kulondola</i>	destraimento	distraimento
<i>Kitombe</i>	escuriza	escuridão
<i>Muhatu</i>	muiê	mulher

Ivonete da Silva Santos, Maria Helena de Paula, O português kimbundizado: uma análise de alguns dos enunciados da obra *os conto de ukamba kimba...*

<i>Rikanu</i>	mboca	boca
<i>Kufunda</i>	seprutar	sepultar
<i>Rikumbu</i>	veia	velha
<i>Muxima</i>	curaçau	coração

Fonte: Elaboração própria.

Tendo em consideração o contato entre a LP e o *Kimbundu*, a aprendizagem daquela como língua não-materna provoca ocorrências de palavras novas, cuja referência é uma outra já existente no português, tal como se nota no quadro 6. As palavras da coluna do meio refletem essa realidade, pois é fácil identificar que o falante do *Kimbundu* é previamente alfabetizado no português, isso demonstra também que o mesmo não possui domínio do léxico da língua nova.

Desta feita, é natural que o sujeito falante recorra ao processo de criatividade linguística, de modo a criar novas unidades lexicais devido ao processo de assimilação linguística. Isso quer dizer que na tentativa de eximir o conflito linguístico provocado por uma situação de contato, o falante tenta sempre criar, renovar ou ressignificar unidades novas.

Nesse caso, os fenômenos mais comuns são fonéticos, envolvendo supressão, adição, troca de uma letra por outra, por exemplo: curaçau/ coração. As palavras muiê/ mboca apresentam dois fenômenos transferidos da LM para o português, a saber: i) em *Kimbundu* toda palavra termina em vogal, isto é, o fonema final será sempre uma vogal (muiê ao invés de mulher); ii) as consoantes (b/ v) são sempre precedidas de (m) quando figuram como substantivos (*mboca* para boca).

Quadro 7 – Inclusão de palavras do léxico *kimbundu* no léxico do português falado em Angola.

LÉXICO KIMBUNDU	LÉXICO PORTUGUÊS
<i>Dizanga</i>	Lagoa
<i>Kambuta</i>	Pequena estatura
<i>Kamoso</i>	Rapaz
<i>Karianga</i>	Rápida
<i>Kiala</i>	Nome próprio
<i>Kiezu</i>	Vassoura
<i>Kinama</i>	Pés
<i>Mbambi</i>	Cabra pequena
<i>Ukamba</i>	Amizade
<i>kanzumbi</i>	Espírito
<i>Kimba</i>	Amigo/cantar

Fonte: Elaboração própria

É comum que o falante de uma LM transfira parte do seu léxico para o léxico da língua não-materna. Dessa forma, facilitando o uso do português, o falante do *Kimbundu* acaba por incluir no discurso em português unidades lexicais da sua língua materna. E o resultado desse processo é algumas palavras não portuguesas para representar uma outra em português. Por exemplo, no quadro 7, as palavras: *kiezu* é usada para representar a palavra vassoura em português; *kinama* cujo sentido é o mesmo da palavra pés; *ukamba* que quer dizer amizade, etc.

Estes exemplos são importantes para percebermos algumas interferências lexicais evidenciadas no português oralizado em Angola apresentado na obra *Os contos de Ukamba Kimba*. Essas palavras são registros, no português, de unidades lexicais da LM de falantes angolanos.

As sentenças, a seguir, são discursos extraídos de alguns dos contos que compõem a obra analisada. Esses discursos são representativos da oralidade cotidiana de Angola e refletem uma camada pouco letrada em português, cuja a língua materna é o *Kimbundu* (VILANOVA, 2013). Nos exemplos que se seguem, será possível percebermos que uma série de ocorrências registram a influência da LM na língua não-materna. Vejamos: a) “[...] Para que queres tu **ó** cafre a porra desse tronco de **takula** não me dizes tu pra fazer uma mesa [...]” (VILANOVA, 2013, p. 15). (**ó** = vogal aberta; **takula** = árvore tinteira)

Para além da pontuação que é uma questão da gramática portuguesa e não predominante nesses discursos, importa destacar a ocorrência do léxico do *Kimbundu* no discurso que se dá em português. *Takula* é uma palavra kimbunda e significa árvore de onde se extrai tinta, provavelmente, o falante não dispõe do conhecimento de alguma palavra em português que seja equivalente a está palavra, por isso acabou por optar pela inclusão do termo que já conhece.

Em relação ao uso do (ó) com marca de aceto agudo, podemos dizer que esse uso se justifica porque na LM do falante a vogal (o) é sempre aberta, ao contrário do português, neste a vogal referida pode ser aberta ou fechada. Tal especificidade complica a aprendizagem do novo sistema linguístico, uma vez que o seu domínio em LM influencia a transferência de características já conhecidas para uma língua ainda em processo de conhecimento.

b) “[...] o velho tá falando é ansim aí memo no lado tem sô **martinji** do puto a alta autoridade cala essa boca [...] e continuar tomando suas nota no papel azul que saiu na pasta amarela do couro com a fivela letra **kambuta** parece é **bitakaya** [...]” (VILANOVA, 2013, p. 19). (**kambuta** = pequena estatura; **martinji** = Martins; **bitakaya** = pulga pequena)

Essa sentença comporta três ocorrências de léxico *kimbundu*, isso comprova a frequência de palavras da língua materna nos discursos em português registrados nos contos. Como se pode verificar, a palavra *martinji* é uma versão nova do nome Martins, o que seria kimbundizar um nome em português. Isso porque para a cultura *kimbundu* os nomes representam significativamente os problemas vividos pela família dos nomeados ou a posição social que o sujeito ocupa (SERROTE, 2015).

O nome Martins no excerto corresponde a uma pessoa de alta autoridade, o que está associado a condição ou posição social do sujeito nomeado, mas como o nome é de origem não *kimbundu* o falante cuidou de criar uma unidade lexical nova, cujo sentido tem a ver com a posição social do sujeito que por sinal é um senhor. As palavras *kambuta*, que significa em português pequena estatura, e *bitakaya*, que quer dizer pulga pequena, são também transferências do léxico da LM provocadas pelo contato linguístico entre línguas. Vejamos o exemplo a seguir: c) “[...] o **sekulu** andré morto essa madrugada memo com dois-tiro da **cambeza** dele [...]” (VILANOVA, 2013, p.22). (**sekulu** = velho/ancião; **cambeza** = cabeça).

Este enunciado não só comprova, mais uma vez, o uso do léxico do *Kimbundu* como evidencia a transferência de regras da gramática do *Kimbundu*, é o que se verifica na ocorrência da palavra *cambeza*. Por vias de regras no *Kimbundu* a consoante (b) é sempre pré-nasalizada, o que resulta no seu uso sempre precedida pela consoante (m) (SERROTE, 2015), por isso, o uso de *cambeza* ao invés de *cabeça*. Observamos outro exemplo: d) “[...] **muximou ngunga** aiuê ele ainda **monandengue** ela só ele no mundo mais ninguém quem que depois vai na hora certa cuidar esse minino tratar esse minino quando que um dia eu cerro esse meu olho quem? [...]” (VILANOVA, 2013, p. 9). (**muximou** = filho pequeno; **ngunga** = nome próprio; **monandengue** = falar ao coração).

Outra vez constatamos a ocorrência de palavras do léxico *Kimbundu* no português. Como já dissemos, isso se justifica pelo fato de o falante não dominar o léxico da língua que está sendo aprendida, bem como uma tentativa à manutenção da LM. As palavras

muximou e *ngunga* representam não só a origem do falante, mas também a sua própria cultura tendo em conta que toda língua é carregada de simbologia e significações comuns a comunidade de pertença.

Destacamos também a questão da marcação de gênero, assunto já discutido nesse trabalho e que se constata nesse excerto, isto é, no *Kimbundu* não é necessário a marcação em feminino ou masculino por meio de determinantes ou vogais temáticas, assim, é comum o acréscimo de classes de palavras como prefixos aos substantivos. Por exemplo em *monandengue* temos duas palavras para significar (*mona*) filho(a), (*ndengue*) pequeno(a), mas pela leitura do excerto completo notamos que se trata de um menino/filho. Este exemplo prova que na LM não existe essa necessidade de marcar o gênero contrariando as regras do português.

Conclusão

Não tencionamos, neste artigo, descrever minuciosamente as interferências do Kimbundu sobre o português falado em Angola. Mas tencionamos, sim, evidenciar algumas das características mais marcantes de ambas as línguas para explicarmos os resultados desse contato registrados nos discursos em português na obra *Os contos de Ukamba Kimba*. Com isso, defendemos que a ressignificação, a adoção e a recriação de unidades lexicais na língua não-materna são os fenômenos linguísticos mais comuns em situações de contato.

A partir desse estudo, podemos dizer que a LP falada em Angola comporta a influência da LM dos falantes angolanos e é essa particularidade que a torna representativa de uma comunidade cuja cultura é o viés central da sua existência. Então, os resultados mostraram que tanto o léxico, quanto os outros níveis linguísticos da LP foram/são afetados pelo contato.

Portanto, não compactuamos com a ideia de que os processos de transferência, assimilação, interferência e influência são condicionadores do dito “desvio” ou “erro” linguístico. Defendemos a ideia de que a língua existe para/na comunidade, atuando como representativa da cultura, das impressões, do modo de ver e conhecer do falante.

Contudo, os resultados da situação de contato entre as duas línguas (LK/LP) não podem ser vistos como simplesmente dificuldades em aprender a língua não-materna, porque os processos que os induziram culminam sempre em fatos da língua e não uma

Ivonete da Silva Santos, Maria Helena de Paula, O português kimbundizado: uma análise de alguns dos enunciados da obra *os conto de ukamba kimba...*

ação corruptível do idioma aprendido. Além disso, é preciso tomar nota das diferentes coordenadas que envolvem tanto o falante nativo, quanto os motivos que os induzem a aprenderem essa outra língua.

E, por fim, esperamos que este artigo instigue muitas ideias sobre a continuidade de pesquisas nessa área, bem como sobre o estudo da importância tanto da LM, quanto da LP nas comunidades luso-africanas, visto que uma língua não existe por si só, pois ela é do/para o povo que por meio dela se mostra ao mundo.

Referências

AUGUSTO, Moisés Alves. *Morfologia contrastiva entre português e kimbundu: obstáculos e suas causas na escrita e ensino da língua portuguesa entre os kimbundu em Angola*. 2016. 225 f. Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

ANÇÃ, Maria Helena. Da língua materna à língua segunda. *Noesis*, v. 51, p. 14-16, 1999.

ANÇÃ, Maria Helena. Percepções de angolanos sobre a Língua Portuguesa: um contributo para a didática do português língua segunda. *Revista UBI Letras*, Beira, n. 2, p. 5-30, 2012.

ANTÓNIO, João Lourenço Francisco. *Interferência da Língua Kimbundu no Português Falado em Kwanza Norte*. 2018. 64 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lusófonos). Faculdade de Letras. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2018.

AGUALUSA, Jose Eduardo. A língua portuguesa em Angola: língua materna versus língua madrasta. Uma proposta de paz. *Revista Imaginário*. São Paulo, v. 10, n. 10, p. 27-33, 2005.

BAGNO, Marcos. *Língua, Linguagem, Linguística: pondo os pingos nos ii*. São Paulo: Parábola, 2014.

BENDER, Gerald. J. *Angola sob o domínio português: mito e realidade*. Luanda: Editorial Nzila, 2004.

BERNARDO, Ezequiel Pedro José. Norma e variação linguística: implicações no ensino da língua portuguesa em Angola. In: *Revista Internacional em Língua Portuguesa: África em Língua Portuguesa: variação no português africano e expressões*. IV série. Semestral, nº 32, p. 39-54, 2017.

Ivonete da Silva Santos, Maria Helena de Paula, O português kimbundizado: uma análise de alguns dos enunciados da obra *os conto de ukamba kimba...*

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. *ALFA – Revista de Linguística*, Araraquara, v. 40, p. 27-46 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BUITRAGO, Sandra Hibeth; RAMÍREZ, José Fernando; RÍOS, Jhon Fredy. Interferência lingüística en el aprendizaje simultáneo de varias lenguas extranjeras. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales – Niñez y Juventud*, v. 9, n. 2, p. 721-737, jul./dez., 2011.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHIVINGA, António Ngula. *Que futuro para as línguas nacionais angolanas? Ensaio sobre as políticas de protecção e valorização das línguas nacionais angolanas*. Luanda: Centr'Artes, 2014.

CHOMSKY, Noam. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. São Paulo: Unesp, 2006.

FIORIN, José Luiz. *A linguagem humana: do mito à ciência*. São Paulo: Contexto, 2013.

KUKANDA, Vatomene. Diversidade linguística em África. *Africana Studia*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, n. 3, p. 101-117, 2000.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, Humberto Morales. *Sociolinguística*. v. 70. Madrid: Editorial Gredos, 1989.

MAKONI, Sifree Bullock. Da linguística humana ao sistema “d” e às ordens espontâneas: uma abordagem à emergência das línguas indígenas africanas. Tradução de Alexandre Cohn da Silveira. *Revista da Abralín*, v. 17, n. 2, p.376-419, 2019.

MENEZES, Leonarda. Descosturando a língua: o caso da mudança e das interferências linguísticas no português de Moçambique. *Revista Odisseia*, n. 5, s/n, jan./jun., 2010.

MINGAS, Amélia. *Interferências do Kimbundu no português falado em Lwanda*. Luanda: Chá de Cabinde, 2000.

PAULA, Maria Helena de. *Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano*. 521 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

Ivonete da Silva Santos, Maria Helena de Paula, O português kimbundizado: uma análise de alguns dos enunciados da obra *os conto de ukamba kimba...*

NZAU, Domingos Gabriel Ndele. *A língua portuguesa em Angola: um contributo para o estudo da sua nacionalização*. 2011, 203p. (Tese de Doutoramento), Universidade de Beira Interior, Departamento de Letras, Covilhã, 2011.

PEDRO, José Domingos. *Harmonização Ortográfica das Línguas Bantu de Angola (Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Cokwe, Mbunda, oshiKwanyama)*. Cape Town & Luanda: SED Priting Solutions, 2013.

PERINI, Mário Alberto. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas. *PAPIA – Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, v. 17, n. 1, p. 9-19, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SANTOS, Ivonete da Silva; TIMBANE, Alexandre António. A memória social como repositório do pluralismo linguístico-cultural no contexto brasileiro. *Revista do GELNE*, Natal, vol. 19, nº Especial, p. 63-78, jul./dez.2017.

SANTOS, Ivonete da Silva. *A identidade linguística brasileira em contato com o português europeu: a variação léxico-cultural*. 2018. 161 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2018.

SANTOS, Ivonete da Silva; TIMBANE, Alexandre António. *A Identidade Linguística Brasileira e Portuguesa: Duas Pátrias, uma Mesma Língua?* Curitiba: Editora Appris, 2020.

SERROTE, João Major. *Antroponímia da língua Kimbundu em Malanje*. 2015. 81 f. Dissertação (Mestrado Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

SEVERO, Cristine Gorski. A diversidade linguística como questão de governo. *Revista Calidoscópio*, vol. 11, nº2, p. 107-115, mai./ago., 2013.

SPINASSÉ, K. P. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. *Revista Contingentia*, v. 1, n.1, p. 1-10, 2006.

Ivonete da Silva Santos, Maria Helena de Paula, O português kimbundizado: uma análise de alguns dos enunciados da obra *os conto de ukamba kimba...*

SILVA, Ana Pita Grós Martins da. *Lexicografia bilingue de especialidade: e-dicionário de português-kimbundu no domínio da saúde*. 2016. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, 2015.

TIMBANE, Alexandre António. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 54, n. 2, p. 289-306, 2012.

NDOMBELE, Eduardo David; TIMBANE, Alexandre António. O ensino de língua portuguesa em angola: reflexões metodológicas em contexto multilingue. *Fólio – Revista de Letras*, v. 12, n.1, p. 289-314, 2020.

VILANOVA, João-Maria. *Os contos de Ukamba Kimba*. Lisboa: Nóssomos, 2013.

Recebido em: 14/06/2021

Aceito em: 12/08/2021



Para citar este texto (ABNT): SANTOS, Ivonete da Silva; PAULA, Maria Helena de. O português kimbundizado: uma análise de alguns dos enunciados da obra *os conto de ukamba kimba*. **Njinga & Sepé:** Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA). v.1, nº 2, p.162-184, jul./dez. 2021.

Para citar este texto (APA): Santos, Ivonete da Silva; PAULA, Maria Helena de. O português kimbundizado: uma análise de alguns dos enunciados da obra *os conto de ukamba kimba* **Njinga & Sepé:** *Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA). 1(2): 162-184.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njinggaesape>